



Madalena Maria, Manoel, Luísa Maria e Maria Alves, em um dia de farinhada

A CASA DE FARINHA DO SEU DÔCA ANA:

O P1+2 fortalecendo tradições ancestrais indígenas no Piauí

A Comunidade Indígena Nazaré, localizada em Lagoa de São Francisco, no Piauí, território indígena dos Tabajaras e Tapuio-Itamaraty, é um lugar de resgate de identidade cultural e resistência de práticas ancestrais indígenas. Na comunidade resiste a casa de farinha construída pelo seu Dôca Ana, Francisco Alves Ferreira, agricultor que morreu em 2017, aos 91 anos. Antes dessa casa, existiu outra que era do pai dele. "Essa casa de farinha foi do meu avô, só que era ali do outro lado, aí o nosso pai comprou e passou ela para cá", conta dona Madalena Maria, de 61 anos, filha de seu Dôca.

De 11 irmãos, 3 moram no Rio de Janeiro, Ana Maria, Conceição e Lindugero. Atendendo a um pedido do pai, para que não deixassem a casa acabar, os 8 irmãos, Rosária, Luísa Maria, Maria Alves, Madalena Maria, Maria Luísa, Chagas, Antônia e Manoel, que moram na comunidade, têm conseguido manter a tradição da farinhada. Kátia Cilene, de 48 anos, a neta mais velha de seu Doca, lembra que ele comprava carradas e carradas de água a 50 reais cada uma, para a família poder fazer a farinhada, pois a cisterna pequena que tinham, só dava para o consumo.

Luísa Maria, filha de seu Dôca Kátia Cilene, neta de seu Dôca Maria Alves, neta de seu Dôca Ana Rosa, sobrinha de seu Dôca



Seu Dôca sempre disponibilizou a casa de farinha para outras famílias produzirem também. A farinhada era produzida em uma única época do ano, mas rendia o ano quase todo. Ele guardava a farinha e a goma, em caixões de madeira que ele mesmo fazia. As cascas da mandioca alimentavam os porcos e as cabras e, por um período, não se precisava comprar milho. Seu Dôca, que também era carpinteiro, fazia os próprios instrumentos da casa de farinhada daquela época, a roda, a prensa e outros. Ele mesmo construiu a casa de farinha para poder criar os filhos em uma época de muita dificuldade.



Maria Alves, filha de seu Dôca



Alexandrina Cardoso e outras mulheres da comunidade



Madalena Maria, filha de seu Dôca

Seu Manoel, filho de seu Dôca, é beneficiário da cisterna de 52 mil litros do programa Uma Terra e Duas Águas, da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e escolheu a área que fica ao lado da casa de farinha para construir a cisterna, assim, não só a família dele se beneficia da água, como as outras famílias da comunidade que usam a casa também. Enquanto as mulheres raspam a mandioca, ele conta que antes da cisterna, eles tinham que comprar água do carro pipa. Seu Manoel, que é cisterneiro também e já contribuiu na construção de boa parte das cisternas do P1+2 no Piauí, destaca a importância das oficinas de capacitações do programa, da água e da própria cisterna.



Seu Manoel, colocando a mão na massa nos processos da farinhada



O período da farinhada é esperado por todos os filhos do seu Dôca Ana. Até os filhos que moram no Rio de Janeiro, vem na época da farinhada. Os irmãos continuam lutando para manter viva a tradição que mantém viva a memória do pai.

“A gente não quer deixar morrer a tradição, foi o que o meu avô mais pediu, inclusive quando ele estava velhinho, ele ficava lá na casa de farinhada o dia todo, no lugar que a gente estava raspando a mandioca, ele armava a rede dele e passava o dia todo lá, só ia dormir em casa, a casa de farinha era a vida dele”, diz Kátia Cilene.

